

Base aliada mantém força no Senado

10 OUT 2001

A bancada petebista cresceu, mas a do PSDB e do PMDB encolheram

Rose Ane Silveira
de Brasília

Apesar das mudanças de legenda entre os senadores, a correlação de forças no Senado continua a mesma entre os partidos da base aliada do governo e da oposição. O PSDB do presidente Fernando Henrique Cardoso foi o que mais perdeu integrantes neste ano. A exemplo do que aconteceu na Câmara dos Deputados — onde tinha 99 integrantes e agora tem 91 — a bancada tucana iniciou 2001 com 16 senadores e chegou à semana passada com apenas 11 representantes.

A atual composição partidária na Casa apresenta 23 senadores no PMDB; 20 no PFL; 11 no PSDB; sete no PT; cinco no PDT; quatro no PTB; três no PPB; dois no PPS e um único representante no PL. O Senado continua com a vaga aberta deixada após a renúncia de Jader Barbalho (PMDB-PA).

A diminuição da bancada tucana não causou surpresa dentro e fora do partido. Depois de adotar uma tática expansionista, para garantir a eleição do deputado Aécio Neves (PSDB-MG) à presidência da Câmara, o partido passou a fazer, sob o comando do deputado federal José Aníbal (SP), uma verdadeira limpa em suas fileiras, levando à saída, ou mesmo pedindo a expulsão de parlamentares que não afinassem seu discurso com o alto tucanato e o com o Palácio do Planalto.

Esse foi o motivo da saída dos irmãos Álvaro e Osmar Dias (PR) que desde a última semana engrossam as fileiras do PDT de Leonel Brizola. Os dois senadores paranaenses bateram de frente com a cúpula do PSDB ao insistirem em manter suas assinaturas no requerimento que pedia a abertura da CPI da Corrupção no Senado.

Além da nova postura da presidência do PSDB, outro fator a motivar a saída de parlamentares do partido foi a disputa regional travada entre tucanos

em alguns estados. O maior exemplo da influência das disputas regionais foi a saída do senador Sérgio Machado (CE), que desde 1995 ocupava a liderança do partido no Senado e agora é mais um parlamentar filiado ao PMDB cearense.

Machado bateu de frente com o governador do Ceará, Tasso Jereissati, que não apoiou sua candidatura para o governo do estado. Em contrapartida, Sérgio Machado apoiou abertamente a candidatura do ministro da Saúde, José Serra, como pré-candidato do PSDB à sucessão de Fernando Henrique, contra Tasso Jereissati, que também ambiciona a presidência da República.

Se o enxugamento do PSDB era esperado, o crescimento do PTB surpreendeu na última semana. O partido, que durante todo o ano teve como único representante o senador Arlindo Porto (MG) conta hoje com mais três parlamentares. Segundo

Porto, o crescimento do PTB se deve em parte às disputas regionais, como no caso da vinda do senador Carlos Wilson (PE) que decidiu trocar o PPS pelo PTB, para não ter que disputar espaço com seu colega Roberto Freite. Outro a aderir foi Fernando Bezerra, sem espaço no PMDB para disputar o governo do Rio Grande do Norte.

Mesmo mantendo a maior bancada no Senado, o PMDB perdeu não só em número de parlamentares, mas, principalmente, em força política. O ex-senador Jader Barbalho, principal cacique peemedebista, ao renunciar ao seu mandato deixa o partido sem um grande líder no Congresso Nacional. Para o líder do PMDB, senador Renan Calheiros (AL), os três partidos da base agora podem se considerar em situação semelhante. Tanto PMDB como PFL e PMDB perderam vários nomes de expressão neste ano.